

# UMA LEITURA DA AUTOBIOGRAFIA DA PROFESSORA MARIA DAGMAR DE MIRANDA

*A READING OF TEACHER MARIA DAGMAR DE MIRANDA'S AUTOBIOGRAPHY*

**Marinéia Silva<sup>1</sup>**

## **Resumo**

Este escrito é uma análise da trajetória da Profa. Maria Dagmar de Miranda, uma das maiores educadoras da cidade de Riachão do Jacuípe-BA no século XX. Ela atuou na rede estadual de ensino ocupando diversos cargos, foi proprietária e diretora do Educandário Senhora Sant'Ana, a primeira escola particular da cidade. Neste artigo, dialogo com textos jornalísticos, fotografias, atas da Câmara de Municipal, documentos escolares e com a autobiografia da professora. O objetivo é provocar reflexões à respeito da atuação desta mulher negra na pequena cidade sertaneja.

**Palavras-chaves:** Profa. Maria Dagmar. Autobiografia. Riachão do Jacuípe-BA

## **Abstract**

This writing is an analysis of Maria Dagmar de Miranda's trajectory, one of the greatest teachers in Riachão do Jacuípe town (BA) in the 20th century. She worked on public education network of Bahia State in various positions and she was the owner and the principal at Senhora Sant'Ana School, the first private school in the town. In this article, I dialogue with journalistic texts, photograph, minutes of the Chamber of Councilmen, school documents and the teacher's autobiography. The objective is to provoke reflections on the performance of this black woman in the small town.

**Keywords:** Teacher Maria Dagmar. Autobiography. Riachão do Jacuípe-BA.

"É preciso uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou má-fé cínica para se negar a existência do preconceito racial".

Nelson Rodrigues

## **Introdução**

Em meio às provocações da pesquisa de doutorado sobre personagens escravizados e negras nas narrativas de Riachão do Jacuípe - BA<sup>2</sup>, resolvi tecer uma

escrita sobre professora Maria Dagmar de Miranda – uma mulher negra<sup>3</sup> – dialogando com diversas escritas da/na cidade produzidas no último meado do século XX. Ademais, elaboro memórias como ex-aluna de professora Dagmar. Também leciono no Colégio Estadual Maria Dagmar de Miranda – uma das escolas públicas da urbe.

Aqui dialogo com textos que constroem a passagem de professora Maria Dagmar de Miranda, nascida na “cidade da Bahia” \_ Salvador \_ por Riachão do Jacuípe, na segunda metade do século 20. Construo a personagem nessa trama por inúmeros motivos, sobretudo por aparecer em diversos escritos que circulam em Riachão do Jacuípe como grande mestra e como formadora de algumas gerações de jacuipenses.

O Colégio Estadual Maria Dagmar de Miranda é a maior instituição de ensino de Riachão do Jacuípe, na atualidade com 1280 alunos, 55 professores e 24 funcionários<sup>4</sup>. Oferece vagas no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Muitos alunos egressos da instituição são aprovados semestralmente nos vestibulares da Bahia. Desde 2002, tem recebido o título de melhor escola pública da cidade<sup>5</sup>. Tais certificados estão expostos no pátio principal da escola.

O nome Maria Dagmar está inscrito em narrativas da cidade de diversas formas. A imagem da personagem figura em álbuns de fotografias de inúmeras famílias jacuipenses, seja nos famosos desfiles de 7 de setembro, formaturas de 2º grau em Contabilidade e Magistério, ou em aniversários, primeira eucaristia...<sup>6</sup> Ela recebeu o título de Cidadã Jacuipense<sup>7</sup> numa sessão solene na Câmara Municipal de Vereadores de Riachão do Jacuípe no ano de 1977. Observando uma anotação a lápis em uma de suas agendas li: “Maria Dagmar de Miranda CIDADÃ da cidade de Riachão do Jacuípe em 14.06.77”<sup>8</sup>. Uma placa em sua homenagem estampa uma das paredes da entrada da Escola Municipal Nossa Senhora da Conceição.

Recordo que admirava muito aquela mulher, bem vestida, que possuía um carro branco. Era uma das poucas mulheres que dirigia em Riachão do Jacuípe, na época, uma das raras que tinha automóvel, bem de consumo caro e restrito aos “ricos” (homens brancos). Talvez somente acessível a uma aposentada pelo Governo do Estado da Bahia. Ela tinha inclusive, uma motorista, uma jovem branca chamada

de “Rose de Sr. Carneirinho”. Morava sozinha numa casa grande no centro da cidade. Dirigia o Centro Educacional Cenecista Nossa Senhora da Conceição e era proprietária e diretora do Educandário Senhora Sant’Ana, a escolinha de Professora Dagmar, como era e é carinhosamente nominada a instituição.

Ela protagoniza narrativas de trajetória bem diferentes de outras personagens negras que viveram em Riachão nessa época, como D. Luzia Preta (falecida), D. Biló e D. Alice, mulheres de sua geração, mães de família que criaram seus filhos na Rua do Chiqueiro e no Bêço do Rio. D. Biló veio do conhecido Engenho Maracangalha ainda jovem e constituiu família em Riachão, trabalhou muito nas roças dos outros “de mêa” e lavava roupa de ganho. É mãe de Tana – nosso mestre do Grupo de Capoeira Raízes<sup>9</sup>. D. Luzia, filha da terra, vizinha de D. Biló, chefiou numerosa prole na Rua do Chiqueiro, hoje denominada Rua 8 de dezembro, data de comemoração da padroeira da cidade – Nossa Senhora da Conceição. D. Luzia foi participante ativa do grupo de samba de roda, *Samba do Bagaço* e, como os demais componentes desse grupo, já trabalhou nas roças dos outros para ganhar seu sustento por muitos anos foi funcionária do Hotel de D. Naides – cozinheira, lavava, passava, arrumava... Faleceu recentemente. Os filhos e netos de D. Luzia Preta protagonizam tantas outras narrativas: “Com 2 gols de Joãozinho de Luzia, o Esporte Clube Jacuipense venceu por 5 x 1 o Guarany de Pé de Serra, na tarde deste domingo (27/03) no Estádio Eliel Martins”<sup>10</sup>, Joãozinho, seu filho foi craque do Esporte Clube Jacuipense na década de 1990 e 2000; Fernanda Vitorino, sua neta, recém-formada em Licenciatura em História na Universidade Estadual de Feira de Santana, e professora da rede pública e particular da cidade, pesquisadora do Samba de Roda do Bagaço (VITORINO, 2010); Júnior Ventura, jogador de futebol, irmão de Fernanda, que atua em times do Campeonato Baiano Amador<sup>11</sup>. As memórias de D. Luzia foram fonte de inspiração para a escrita da monografia de Especialização em História da Bahia de sua neta Fernanda Vitorino, intitulada: “*Samba do Bagaço de Riachão do Jacuípe*” (VITORINO, 2010).

Em 2007 eu fui convocada pela Justiça Eleitoral para presidir uma seção na Escola Aurélio Mascarenhas, em Riachão do Jacuípe. Desde esse pleito eleitoral, uma senhora chama a minha atenção de modo especial - D. Alice. Alta, octogenária,

negra, de olhar decidido, cabelos brancos e poucas palavras, chega à seção caminhando com alguma dificuldade. Seus pés me tragaram desde a primeira vez que a vi. Transcendem as narrativas historiográficas que já acessei. Conjecturo apenas, baseada em experiências familiares, que ela deve ter trabalhado na enxada e carregado peso. Soube que se aposentou após 30 anos de serviços prestados à Prefeitura Municipal de Riachão do Jacuípe como copeira, na limpeza das dependências do antigo prédio<sup>12</sup>. Trabalhar de carteira assinada em Riachão do Jacuípe era um privilégio para poucas mulheres negras nascidas nas primeiras décadas do século 20.

Dessemelhante dessas mulheres que tiveram muitos filhos e semearam o Riachão com sua descendência, a personagem professora Dagmar chega a ser condecorada com o título de *Mãe da educação de Riachão do Jacuípe*. Embora distantes, tais trajetórias se encontram em alguns pontos na contemporaneidade: Fernanda, neta de D. Luzia, cursou o Ensino Médio no Colégio Maria Dagmar de Miranda e foi professora de História da mesma instituição em 2011; netos de D. Biló também estudam/estudaram no mesmo colégio, assim como algumas netas de D. Alice.

Enquanto a trajetória de vida de D. Biló, D. Luzia e D. Alice, portadoras de pouca instrução formal, foi marcada pela lida nas roças dos outros, pelo cuidado com a numerosa prole, pelos trabalhos na área de serviços gerais em instituições públicas e particulares, nossa protagonista educou algumas gerações. No conjunto das fotos expostas no grupo *Nostalgias Jacuipenses*, geralmente professora Maria Dagmar aparece ladeada de alunos e alunas, professoras e professores, funcionários, pais e mães de alunas e alunos.

Minha mãe já costurou para Professora Dagmar; assim, ela ia com frequência à minha casa. Suas roupas eram de linho, um dos tecidos mais caros usados na época. Muito parecidas, saias abaixo dos joelhos e blusas de mangas próximas ao cotovelo. Ela levava os cortes de tecido e combinava com mainha o modelo da roupa. Minha mãe tirava suas medidas. Entrava no quartinho apertado para fazer provas. Pagava a costura com cheque do BANE (Banco do Estado da Bahia, hoje extinto) e eu ia à agência trocar o cheque. Costurar para professora

Dagmar era um privilégio para poucas, algo raro. A presença dela em nossa casa envaidecia muito a minha mãe que, mesmo timidamente, gosta de ostentar o título de “melhor costureira de Riachão”.

Pois bem, nesse texto, a filha da costureira (que estudou 3 anos do curso primário) e ex-aluna, vai construir uma personagem protagonista - Professora Dagmar - a partir de memórias escritas, orais e materiais que circulam em Riachão do Jacuípe. Neste ato, confabulo com uma *Autobiografia de Professora Dagmar*. As outras partes do texto serão publicadas posteriormente.

## 1. Confabulações com uma Autobiografia

Aqui meu escrito será um diálogo com o texto *Autobiografia de Profa. Maria Dagmar de Miranda*. Tive acesso a esse escrito no verão de 2009 quando conversava com um colega de trabalho, professor Evando Oliveira<sup>13</sup>. Ele me contou que há um tempo havia digitado o manuscrito - a autobiografia (texto possivelmente produzido na década de 1970, em Riachão do Jacuípe). Trata-se de uma composição breve, de uma lauda e meia, em que a autora constrói balizas da trajetória de vida da personagem como estudante e como profissional do Magistério. Durante a leitura do texto, me questionei: o que teria motivado a autora à escrita de uma autobiografia? Elaborei algumas respostas/questões: talvez a autora tenha deixado esse registro por considerar a vida da protagonista singular, notável; seria um modelo a ser seguido? Poderia também ter sido uma escrita sob encomenda, já que foi homenageada diversas vezes em vida, inclusive com o título de *Cidadã Jacuipense* numa secção solene de Câmara Municipal de Riachão do Jacuípe, na segunda metade da década de 1970. Além disso, teve seu nome inscrito na primeira escola estadual que oferecia curso ginásial na cidade, Escola Estadual Maria Dagmar de Miranda. Professora Dagmar também foi incluída no rol das personalidades de Riachão na exposição *Fatos e fotos de Riachão do Jacuípe*, de autoria de Amarílio Soares ou Tio Lio. Vejamos o papel na exposição:

**Figura 1. Foto da Professora Dagmar de Miranda**



**Maria Dagmar de Miranda**

**Educadora chegou em Riachão Março 1945**

Fonte: Acervo da autora - Exposição de Tio Lio, em 14 de agosto de 2009.

Soares (2009) não disponibiliza ao público as credenciais da imagem (não aparece data, nem o nome do fotógrafo), detalhe que embaraça minha leitura. A moldura em que aparece uma mulher negra, jovem, denominada Maria Dagmar de Miranda, bem vestida, exibindo um belo sorriso, acompanhada da inscrição - Educadora chegou em Riachão em março de 1945 - me fez refletir a respeito da seleção da imagem. Provavelmente, o organizador da exposição tenha escolhido uma

fotografia da juventude para construir a antiguidade da chegada da referida personagem em uma de suas construções de cidade.

Na exposição, assim como no cordel *Histórias de Riachão do Jacuípe*, Soares (2010) construiu personagens do circuito político, administrativo, jurídico e religioso da urbe. Observei a numerosa quantidade de homens geralmente brancos e vestidos de paletó e gravata. Poucas personagens femininas. Professoras, rainhas dos carnavais e raras parteiras quebravam a misoginia do quadro. A presença de professora Maria Dagmar de Miranda contrasta com a abundância de brancos que estão presentes nas memórias e histórias da cidade.

Em 1993, a personagem é esboçada como já tendo mais de meio século de serviços prestados à educação dos jacuipenses. Figura na nota do jornal Folha Regional como “mãe da educação jacuipense<sup>14</sup>”. Entre escritos que se completam e se contradizem, encaro a “autobiografia”, de modo especial, como uma memória, como uma imagem que ela construiu de sua vida e nos deu a ler. É a narrativa pela qual, num dado momento, ela escolheu pra ser lembrada.

Autora e protagonista da trama, a personagem citada constrói-se a partir da seleção de alguns momentos de trajetória fundamentais para a constituição do papel professora. “O autorrelato pode ser visto como um *locus* privilegiado do encontro entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural” (CARVALHO, 2003. p. 284). Trata-se da edificação de um sentido para a vida, conjugada à inserção de vivências numa temporalidade linear.

Penso que um relato desta natureza é fruto de tomada de decisões, de organização e seleção de fatos significativos da memória. Estou atenta às escolhas da narradora-protagonista, o contexto esboçado, a movimentação desenhada e como ela entrelaça diferentes aspectos da vida na escrita autobiográfica. De acordo com Isabel Carvalho:

Essa auto-invenção, por sua vez, traz consigo a invenção do Outro, das relações de alteridade e, portanto, da identidade narrativa de um campo intersubjetivo e cultural em questão. É nesse sentido que a auto-invenção dos sujeitos é simultaneamente posicionada num campo social e demarcadora desse mesmo campo. (CARVALHO, 2003, p. 284)

Trata-se da invenção de professora Maria Dagmar de Miranda construída pela autora Profa. Maria Dagmar de Miranda. Como é comum nas narrativas autobiográficas, ela principia contando a conjuntura de nascimento:

Nascida em Salvador, capital da Bahia, no Bairro denominado “Engenho Velho de Brotas” no dia 14 de junho do ano de 1920, às 20 h, em casa de seus próprios pais, sendo a penúltima filha do casal: João Pereira de Miranda e Angela Conceição Miranda, ambos naturais deste Estado, residente à Rua Manuel Faustino nº 07 – bairro acima citado. Do casal nasceram 11 filhos, dentre esses somente 6 se criaram. (MIRANDA, s/d, p.01)

Nascida. O emprego do verbo no particípio passado provoca em mim a impressão de que almejava transmitir através do texto imparcialidade e objetividade. Deixa entrever alguma distância entre a narradora e a personagem. Pouco afeita à demonstração de sentimentos/emoções, ela costura os retalhos da memória da vida selecionados com fios de disciplina.

Após pouco mais de três décadas da abolição da escravatura, nasce a protagonista, numa das cidades mais negras do Brasil. Escritos recentes constroem Salvador nesse período como um tecido urbano que passava pelo processo de modernização. Denunciam-se os preconceitos que incidiam sobre a população negro-mestiça, as relações sociais, em especial o mundo do trabalho fortemente marcado por ideais de subalternidade e obediência (SANCHES, 2011). A inserção dessa população na nova ordem política e social é apresentada como um dos grandes desafios da época.

Imagino a menina Maria Dagmar convivendo com ex-escravizados idosos. Ajuízo que memórias do tempo do cativo devem ter feito parte de seu cotidiano de criança negra soteropolitana, filha de pais baianos, habitante de um bairro “pobre”, que outrora abrigou um engenho de açúcar. Segundo as narrativas a respeito dos costumes da época, ela pode ter nascido pelas mãos de uma parteira, na residência da família no endereço indicado. A autobiografia é um texto enxuto, objetivo, não se atém a detalhes. Construo a personagem como mais uma menina negra, mais uma

cidadã da púbere República Federativa do Brasil. A jovem Maria Dagmar de Miranda compôs as primeiras gerações de eleitoras na década de 1940 e seguintes.

Nas primeiras décadas do século XX, na cidade de Salvador na Bahia: “a “moça” e a “senhora de família” passariam a compor o cenário republicano. [...] como aliadas dos pediatras na vigilância sobre os filhos, protagonistas dos hábitos de consumo domésticos, preocupadas em instruírem-se para melhor desempenhar seu papel familiar” (FERREIRA FILHO, 1998 p. 245). Esse processo se deu concomitante a uma sistemática estigmatização das mulheres pobres (quase sempre pretas) que viviam na rua, cuja expressão mais pejorativa era a de “mulher pública”. Era essa a preocupação da elite letrada na época com as mulheres que não se casavam civilmente, que se deitavam com vários homens, abortavam, abandonavam os filhos, tinham pouco apreço à virgindade. Esses comportamentos eram qualificados como “anomalia moral”.

Escritas historiográficas sobre o período sustentam que as elites baianas se mostravam incansáveis no intento de associar todo e qualquer símbolo de negritude à feiúra, à decadência moral, à desordem e ao atraso moral e intelectual. O emprego doméstico era a ocupação de significativa parcela da população feminina. Numa sociedade que não queria transformações, onde imperavam as condições convencionais e a tradição como valor, diante da abolição da escravatura e da chegada da República, foram criados mecanismos capazes de manter a desigualdade e impossibilitar a mobilidade dos afro-brasileiros (BACELAR, 2001). O pós-abolição seria marcado por um processo premente de racialização das hierarquias sociais baseadas na cor e na oposição entre brancos e pretos, construindo mecanismos discriminatórios em que a cor, enquanto distinção fenotípica, marcava socialmente aqueles considerados inferiores numa sociedade que a todo tempo buscava constituir-se como branca.

No relato, professora Maria Dagmar aparece como membro de uma família composta por pai, mãe e irmãos – “a penúltima filha”. Destaca que, no conjunto de onze filhos do casal João Pereira de Miranda e Angela Conceição Miranda, apenas seis se criaram, donde leio e aparto o elevado grau de mortalidade infantil, que era comum no período. As referências à família consanguínea encerram-se no primeiro

parágrafo do texto. Restrita ao núcleo familiar, não trata de outros ancestrais, avós ou tios, sequer cita o nome de um ou de outro irmão. Recupero aqui a epígrafe de um capítulo de Bacelar (2006): “Nossa genealogia é submersa numa escuridão vergonhosa, datas e nomes são tão incertos como os dos reis e rainhas aprendidos automaticamente na escola, e estamos tão inseguros de onde viemos como para onde vamos” (BOTTON, 2000, p. 55. *apud* BACELAR, 2006 p.23). Narra-se a dificuldade de traçar genealogias de famílias negras.

Nos parágrafos seguintes, dedica-se a contar sua trajetória como estudante e professora. Na narração, vejo Maria Dagmar - mulher (negra) de sua geração que teve a educação como ferramenta para inserção social. Sanches (2011), a partir da análise de dados oficiais, narra o alto índice de analfabetismo da população soteropolitana como um todo e da feminina em particular. No que se refere ao quesito cor, o número de pretos alfabetizados era significativamente menor que o de brancos e pardos. A política de escolarização da Bahia conseguia atingir um número restrito entre os ‘não brancos’ (SANCHES, 2011). Cotejando as narrativas, é possível alegar que Maria Dagmar compôs esse número restrito de não brancos, mais prenotado ainda de mulheres, que teve acesso à educação formal. Vejamos a trajetória percorrida/construída pela narradora protagonista; primeiro ela tece o processo de aquisição das primeiras letras:

Estudei as minhas primeiras letras na Escola Elias Nasqó... tendo como Professora Cecília Filogona Burgos, muito capacitada. Fui convidada como a melhor aluna da escola, premiada com a matrícula grátis pela Professora Alzira de Assis, esposa do Professor Alberto de Assis, Diretor do Instituto Baiano de Ensino, naquela época, situado próximo ao Campo da Pólvora. (MIRANDA, s/d, p.01).

O acesso à educação formal foi para os segmentos médios e baixos, em grande medida, a única forma de almejar um processo ascensional pela competição por melhores postos de trabalho (SANCHES, 2010). De acordo com a escrita autobiográfica, Maria Dagmar aprendeu as primeiras letras numa instituição escolar. E faz questão de destacar os méritos da professora Cecília F. Burgos no ensino das primeiras letras. É uma das poucas personagens da escritura a quem dirige elogio e

prestígio. Enfatiza o seu desempenho enquanto estudante “considerada a melhor aluna da instituição”, premiação que lhe possibilitou o ingresso no Instituto Baiano de Ensino, um estabelecimento particular. Conseguiu matrícula gratuita devido à intermediação do casal de professores citados. Nessa instituição, concluiu o curso primário. No mesmo período, no Instituto Baiano de Ensino, também estudaram a cronista Hidelgardes Viana e o famoso geógrafo Milton Santos<sup>15</sup>.

Pois bem, acompanhemos a sequência da “melhor aluna”:

No ano seguinte à conclusão do primário, fui submetida a Exame de Admissão na Escola Normal da Bahia, junto ao Convento Sagrado Coração de Jesus próximo ao Convento do Desterro. Aprovada no exame de admissão, cursei o Ensino Fundamental e logo depois o curso normal, colando grau como Professora Primária, ou de 1º grau no ano de 1939. (MIRANDA, s/d, p.01)

Com 19 anos de idade, a jovem Maria Dagmar de Miranda forma-se professora na Escola Normal da Bahia. Desde fins dos oitocentos no Brasil, cabia às Escolas Normais, que eram instituições de ensino gratuito destinadas a ambos os sexos (CASTANHA, 2008), formar professores de 1º e 2º graus. Souza (2001) argumenta a exigência da formação de cidadãos para composição do regime republicano. De acordo com Luz,

[...] para os republicanos o analfabetismo e a falta de escolas, e como consequência a existência de um povo inculto, perigoso e inexpressivo eram as principais causas do atraso do país e não consequências da sociedade excludente. (LUZ, 2008, p. 234)

O ideal de nação civilizada seria atingido com a superação do analfabetismo e dos costumes tidos como inferiores e bárbaros. A educação despontava como novo paradigma de progresso. Narrativas dão conta da necessidade de valorizar o brasileiro, discipliná-lo, moralizá-lo para transformá-lo em “agente capaz de concretizar as inúmeras potencialidades dessa terra” (LUCA, 1999, p. 216y. *apud* LIMA, 2008, p. 200). No Estado Novo, a juventude tornou-se a “estrela” da educação e dos caminhos da nação. Entre as finalidades do ensino secundário, estava,

fomentar o patriotismo e nacionalismo, a juventude é convocada pelo Estado para ir às ruas demonstrar seu amor à pátria (LIMA, 2008). Localizo a personagem recém-formada, Professora Maria Dagmar de Miranda, nesse contexto.

O exame de admissão era pré-condição para integrar o corpo discente da Escola Normal da Bahia, a Escola Normal de Feira de Santana (SOUZA, 2001), o Ginásio da Bahia. Naquela época as instituições de ensino público eram consideradas excelentes pelos contemporâneos. Lima (2008), ao estudar a origem social dos estudantes do Ginásio da Bahia, observa que os membros dessa unidade escolar eram provenientes das mais diversas origens sociais. Nossa personagem, habilitada para o exercício do Magistério, nos anos subsequentes à formatura, fez cursos de aprimoramento:

Neste último ano fiz o curso de Estilística, aperfeiçoando-me um pouco em Português. No ano de 1940 fiz mais outro curso, este de Português, aprovada em exame tendo recebido um cartão de aprovação. Em 1941 fiz mais um curso esse de bom aperfeiçoamento na Matemática. (MIRANDA, s/d, p.01)

Os cursos na área de Língua Portuguesa e Matemática foram fundamentais para o exercício do magistério em Riachão do Jacuípe, nas últimas décadas do século 20. Professora Maria Dagmar se estabelece como professora de Língua Portuguesa, Matemática e Geografia. A preocupação em manter-se em atividade no período posterior à formatura, participando de cursos, demonstra a firmeza de objetivo da recém-formada de atuar como professora.

Submetida a concurso fui aprovada e nomeada como professora primária, para o Arraial de Porto do Sauípe, município de Entre Rios. Para quem nunca havia saído de Salvador, foi o mesmo que ser desterrada. Uma praia de pescadores, foz de um rio, não sei, talvez o Sauípe. Para chegar a esse lugarejo viajei de trem, de animal de carroça e atravessei o rio numa canoa, quando a maré já invadia o rio deixando suas águas voltarem represadas. O lugar era uma aldeia de pescadores. Quase todas as casas eram cobertas de palha de coqueiro com exceção do Delegado Escolar, a casa onde funcionava a escola e era moradia das professoras que ali chegavam, como eu, onde adquiri a malária. (MIRANDA, s/d, p.01).

Aprovada em concurso promovido pelo Governo do Estado da Bahia, a jovem professora foi designada para atuar na cidade de Entre Rios, localizada a 134 Km da capital do Estado, mais especificamente no Arraial de Porto do Sauípe caracterizado pela autora como uma “aldeia de pescadores”<sup>16</sup>. Esse é um dos poucos momentos do texto em que ela deixa pistas para pensar a condição socioeconômica de sua família, já que com 20 anos de idade, professora formada, ela “nunca havia saído de Salvador”. Enfatiza a dificuldade de acesso ao local de trabalho e a pobreza da população residente em casas cobertas de palha, provavelmente feitas de taipa. A única casa do lugarejo que fugia a tais padrões era a do Delegado Escolar onde a professora passou a residir e o local onde funcionava a Escola. Constrói Sauípe como um lugar pobre, atrasado e bem diferente da movimentada Salvador. A escola é edificada no texto como único indício de progresso.

Prosegue contando peripécias da trajetória profissional:

No ano seguinte fui transferida para a cidade de Entre Rios que fica no planalto. Viajei de trem e ao chegar na Estação de Ferrovia ponto final para Entre Rios, tive que subir uma ladeira tortuosa, esburacada e ladeada de mato. Aí passei 2 anos, pois a secretaria de Educação me retornou a Porto de Sauípe a pedido da população local. (MIRANDA, s/d, p.01)

A precariedade das vias de transporte de Entre Rios e seu entorno são artifícios usados em prol da instituição da singular dedicação de professora Maria Dagmar à educação, no Estado da Bahia. Leio nas entrelinhas a reprodução da concepção de interior como atrasado (SILVA, 2010). Mas seu foco está direcionado para a cidade de Riachão do Jacuípe, lócus privilegiado do seu “ser professora”. Em momento algum, caracterizou a cidade e/ou seus habitantes. Riachão é o contexto tecido para sua atuação enquanto personagem fundamental para a educação local. Não se esquece de grafar os nomes dos primeiros acolhedores. Escreve de modo a fazer pensar que ela selecionou Riachão do Jacuípe como palco para sua atuação:

Voltei e permaneci só durante um ano e novamente pedi remoção para Riachão do Jacuípe no ano de 1942 onde estou até hoje. Aqui

chegando fui acolhida na casa do Sr. Pedro Silva, Coletor Estadual na época, tendo passado a primeira noite em casa da família do Sr. Alípio Mascarenhas. (MIRANDA, s/d, p.02)

Ela descreve uma chegada da personagem, professora Maria Dagmar de Miranda, na cidade marcada pelo acolhimento em residências das famílias mais abastadas; a mesma narradora faz questão de mencionar os nomes do proprietário da casa onde passou a primeira noite, Sr. Alípio Mascarenhas, descendente dos coronéis Manoel e Marcolino Mascarenhas (pai e filho) que no século 19 e início do 20 aparecem como personagens principais da história política local (SOARES, 2010) (SILVA, 2010). A autora ajeita a narrativa de modo a evidenciar que a personagem professora Maria Dagmar de Miranda escolheu Riachão do Jacuípe para morar e continuar exercendo sua profissão. Acompanhemos o traçado desse exercício:

Lecionei na Escola J. J. Seabra, situada à rua de mesmo nome, preenchendo a vaga, pois a regente fora removida para Jequié, onde estava, deixa sua vaga, aí eu lecionei durante 5 anos, alunos da 1ª à 5ª série. Com a conclusão do Grupo Escolar Osvaldo Cruz, fui transferida para esse Grupo Escolar onde se reuniam algumas escolas isoladas, selecionadas as classes em salas diferentes. Tendo a professora Eutália de Oliveira Rios constituído matrimônio com o Sr. Evilásio Mascarenhas Rios, e depois de 5 anos de casados, mudaram-se para Feira de Santana e eu os acompanhei para onde fui lecionar na Escola de seu Clóvis Bedilaqua, no turno vespertino. Daí mudamos para Salvador, onde lecionei durante dois anos na Escola Primária, denominada Mercadores de Bagdá. (MIRANDA, s/d, p.02)

Mais um personagem com sobrenome Mascarenhas aparece no texto, "Sr. Evilásio Mascarenhas Rios". O texto encerra-se com um resumo das instituições dos últimos anos da trajetória profissional da professora. Destaque dado à figura da professora Eutália Oliveira Rios (esposa do senhor citado logo acima) com quem professora Dagmar passou a residir depois que chegou a Riachão e que acompanhou quando dos deslocamentos da família para Feira de Santana e Salvador. Percebo algumas repetições e tensões no texto que dão o que pensar: até a aposentadoria compulsória, a protagonista residiu em casas de professores ou em casas de famílias (geralmente tradicionais). Ela também lecionou na primeira escola primária estadual

da cidade – o Grupo Escolar Osvaldo Cruz. Após o percurso por diversos municípios baianos, elegeu Riachão do Jacuípe para se fixar:

Daí eu pedi a minha aposentadoria aos 27 anos de serviço, voltando, logo após a publicação no Diário Oficial. Voltei para Riachão do Jacuípe, com pouco tempo de aposentada fui convidada a lecionar no Colégio Cenecista hoje Centro Educacional Cenecista da qual fui Diretora e professora de Português, Matemática, Ciências. Logo após 23 anos de serviços prestados, o Diretor, Dr. Manoel dos Santos Mascarenhas, me propôs assumir o cargo de Diretora o qual exerci com firmeza e responsabilidade também dando aulas das disciplinas já citadas quando faltavam professores. Transferida à pedido para o Liceu de Artes e Ofícios, onde havia oficina de trabalho, cujo alunado era só do sexo masculino. (MIRANDA, s/d, p.02)

Em nenhum momento do texto, a autora caracteriza a protagonista como negra. No artigo *Enegrecer o Feminismo*, Suely Carneiro (2011) cita Angela Gillian, para quem o papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional brasileira. Para Carneiro (2011, p. 1) são mulheres que têm “identidade como objeto”, o que me remete ao argumento de Spivak (2010) de que a mulher pobre do terceiro mundo é o modelo que melhor se encaixa na subalternidade.

A autobiografia é um relato da trajetória profissional da professora. O enredo traçado na autobiografia não apresenta outros familiares da Professora Dagmar. Quando perguntei se professora Dagmar falava de si e de sua família, a professora Vera Lúcia, sua ex-aluna e ex-colega de trabalho respondeu:

Não. Ela não tocava neste assunto. Essa parte aí, porque ela não casou, nem ela não, não. Ela não falava... A única coisa que ela dizia, às vezes, era que: “minha família é de Salvador”. Mas ela não tinha assim abertura para falar onde viviam, como viviam. Não. Parece que quando ela chegou aqui, a memória dela ficou presa a Riachão, entendeu? Ela se voltava para casos de escola, do tempo que ela começou aqui, professora Eutália, quando ela chegou que não tinha nenhum grupo escolar, que as escolas eram tudo feita nas casas, na sala da casa da pessoa e tudo, dos chefões daqui. Ela se mantinha muito ligada às questões mesmo de educação. (FERREIRA, 2012)

Assim como na autobiografia, nessa tessitura, no cotidiano, a professora Dagmar silenciava, preferia não falar a respeito da família consanguínea. O “é de Salvador” estabelece um distanciamento, que muitas vezes a autoridade exercida impedia que fosse quebrado, e talvez até evitasse que perguntas fossem feitas sobre esse assunto. Para Vera Lúcia, ela tecia memórias centradas na sua vida em Riachão do Jacuípe, cujo foco era a amizade que tinha com a família de professora Eutália Rios, o desenvolvimento da educação no município, em síntese detinha-se a questões relacionadas ao ensino. O fato de não ter casado, nem ter constituído família seria a motivação, conforme Vera Lúcia Ferreira, para que ela tivesse se dedicado exclusivamente à educação. Nomes de professores, de escolas, de acolhedores vão se sucedendo no enredo da “personagem Professora”, que é reconhecida como protagonista na cidade de Riachão do Jacuípe e também se reconhece como tal.

Nunes (2011) chama a atenção para a necessidade de construir saberes a partir da ótica dessas profissionais que, sendo mulheres presentes em cor e corpo, possuem forma(s) específica(s), citando Santana (2004, p. 313), “de ser e estar no mundo, construídas pelas maneiras de enfrentar os desafios, de aprender os caminhos possíveis e descobrir os atalhos ocultos”. Afirma ainda que o estudo de professores negros é fundamental no processo de desconstrução do racismo. E por falar em racismo, quando eu era aluna de professora Dagmar, eu e meus colegas repetíamos o refrão: “Nêga Dagmar, Nêga Dagmar Ôê, Ôê...” sempre que se ouvia o barulho de seu Gol branco estacionar na frente da escola...

Interessante como ela se constrói como uma personagem de destaque do tecido sociocultural jacuipense. Na folha de rosto da Agenda de professora Dagmar, encontrada no Arquivo do Educandário Senhora Santana, estão escritas três frases: “Maria Dagmar de Miranda cidadã da cidade de Riachão do Jacuípe - 14.06.1977”, “Personalidade Destaque de 1984 como diretora da CENEC” e “Licenciatura Parcelada 1977”<sup>17</sup>.

Nessa narrativa a educação foi a arma utilizada pela protagonista professora Maria Dagmar de Miranda para enfrentar as violentas narrativas marcadas pelo racismo e sexismo que construíam/constroem Riachão do Jacuípe. Ela escolheu a

educação para narrar sua vida, sua emancipação. E militou nesse campo no afã de emancipar outras tantas, outros tantos...

## Referências

BACELAR, Jeferson. **Mário Gusmão: Um príncipe negro na terra dos dragões da maldade.** Rio de Janeiro, Pallas, 2006.

\_\_\_\_\_. **A hierarquia das raças: Negros e brancos em Salvador.** Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

BARBOSA, L. M, SILVA, P. B. G. e SILVERIO, V. R. (org.) **De Preto a Afro-Descendente. Trajetos de Pesquisa sobre o Negro, Cultura Negra e Relações Étnico-raciais no Brasil.** São Carlos: EdUFSCar, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina numa perspectiva de gênero.** Disponível em <http://201.86.212.89.static.gvt.net.br/destaques/dh/subsidios/dher05/Texto%204%20-%20Sueli%20-%20Enegrecer%20o%20Feminismo.pdf> acesso em 20 de janeiro de 2013.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes antropológicos** [online]. 2003, vol.9, n.19, pp. 283-302. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832003000100012>, acesso em 30/06/2012.

FERREIRA FILHO, Alberto H. Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890- 1937). Salvador: **Rev. Afro – Ásia** (1998 -1999) n. 21-22, p. 239-256.

FIGUEIREDO, Angela. **Novas Elites de Cor: Estudo sobre os Profissionais Liberais Negros de Salvador.** São Paulo Annablume, 2002.

GOMES, F. PAIXÃO, M. **Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação.** Rev. Estud. Fem. vol.16 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2008

GOMES,F. e CUNHA, O. M. G. **Quase cidadãos: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GOMES, F. DOMINGUES, P. **Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980).** São Paulo: Selo Negro, 2011.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** São Paulo, Editora 34, 1999.

LUZ, José Augusto e SILVA, José Carlos. **História da Educação na Bahia.** Salvador: Arcádia, 2008.

MIRANDA, Maria Dagmar. **Autobiografia da Professora Maria Dagmar de Miranda**. [s/p, 197-?].

NUNES, Míghian D. F. Histórias de Professoras Negras: a presença da oralidade nas trajetórias de resistência. Salvador: Anais do **XI Congresso Luso Africano de Pesquisadores Negros**, 2011.

SANCHES, Maria Aparecida dos P. **As Razões do Coração: Namoro, escolhas conjugais, relações raciais e sexo-afetivas em Salvador 1889/1950**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado UFF, 2011.

SOUZA, Ione Celeste. **Garotas tricolores, deusas fardadas: As normalistas de Feira de Santana – 1925 a 1945**. São Paulo: EDUC, 2001.

SILVA, Marinélia S. **Memórias em Conflito ou “Padre não deve se meter em política”**. São Paulo: Ed. Nelpa, 2010.

SOARES, Amarílio. **Histórias de Riachão do Jacuípe**. Feira de Santana, s/i. 2010.

SOARES, Reinaldo S. Ascensão Social e Identidade Negra em Salvador. **REVISTA USP**, São Paulo, n.63, p. 249-251, setembro/novembro 2004. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/63/21-reinaldo.pdf> acesso 10.04.2013.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

VITORINO, Fernanda. **Samba do Bagaço de Riachão do Jacuípe (1982-2006)**. Monografia - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2010.

XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana B. e GOMES, Flávio. (orgs.) **Mulheres Negras: no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012.

## ENTREVISTA

FERREIRA, Vera Lúcia. [2012] Entrevistadora: Marinélia Silva. Riachão do Jacuípe- BA 19 de abr. de 2012.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Especialista em História da Bahia pela mesma instituição; é mestre em História Social pela universidade Federal da Bahia e Doutora do Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos - Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia. E-mail: [masousa@uneb.br](mailto:masousa@uneb.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1920-3735>

<sup>2</sup> Um relato sobre Riachão do Jacuípe no primeiro capítulo de Silva (2010).

<sup>3</sup> Uma reflexão útil em Xavier, Farias e Gomes (2012).

<sup>4</sup> Informações fornecidas pela secretária do Colégio Estadual Maria Dagmar de Miranda, Marielza Soares, referente à matrícula de 2012, em 06 de maio de 2012.

<sup>5</sup> Ver <http://www.colegiodagmar.com.br/> .Acesso em janeiro de 2013.

<sup>6</sup> Ver acervo do Grupo do Facebook Nostalgias Jacuipenses, disponível em <https://www.facebook.com/groups/271066546261128/> . Acesso em janeiro de 2013.

<sup>7</sup> Informação confirmada pelo Sr. José Carneiro, ex-vereador. No período (1980- 1984) José Aloir era prefeito da cidade e a Câmara de Vereadores funcionava na Prefeitura. Os funcionários da Câmara buscaram com cuidado a documentação referente a esse período, mas infelizmente essa documentação foi destruída numa enchente.

<sup>8</sup> Arquivo do Educandário Senhora Sant'Ana. Agenda de Professora Dagmar. Acesso gentilmente cedido pelas professoras conhecidas como Ireninha, Socorro e Jormeire.

<sup>9</sup> Ver <http://www.flogao.com.br/capoeiraraizesorixas/4211743>. Acesso em 28 de fev.2013.

<sup>10</sup> Ver <http://www.palmeirasfuteboljacobinense.com/2011/03/jacuijense-vence-amistoso-de-publicado.html>. Acesso em 28 de fev. 2013.

<sup>11</sup> Ver <http://www.esportecomunitario.com/inter09serrinhadados.html> . Acesso em 28 de fev. 2013.

<sup>12</sup> Informações fornecidas por sua nora, a Sra. Jussara Freitas, em Riachão do Jacuípe em 28.02.2013.

<sup>13</sup> Evando Oliveira foi aluno e colega de professora Dagmar. Foi professor na CENEC e na escolinha nas últimas décadas do século 20.

<sup>14</sup> Jornal Folha Regional, ano VII, n. 54, 2ª quinzena de outubro de 1987.

<sup>15</sup> Ver CIRQUEIRA, D. M. Entre o corpo e a teoria a questão étnico racial na obra e na trajetória de Milton Santos. Dissertação de Mestrado UFG, 2010. Disponível em [http://www.academia.edu/1868801/Entre\\_o\\_corpo\\_e\\_a\\_teor%C3%ADa\\_a\\_quest%C3%A3o\\_%C3%A9tnico\\_racial\\_na\\_obra\\_e\\_na\\_trajet%C3%B3ria\\_socioespacial\\_de\\_Milton\\_Santos](http://www.academia.edu/1868801/Entre_o_corpo_e_a_teor%C3%ADa_a_quest%C3%A3o_%C3%A9tnico_racial_na_obra_e_na_trajet%C3%B3ria_socioespacial_de_Milton_Santos). Acesso em 10 de maio 2013.

<sup>16</sup> Atualmente compõe a Costa do Sauípe um famoso complexo turístico no litoral norte baiano Ver. [http://unijorge.academia.edu/KarenSasaki/Papers/191919/Tradic%C3%A3o\\_E\\_Modernidade\\_No\\_Litoral\\_Norte\\_Da\\_Bahia\\_O\\_Caso\\_Do\\_Artesanato\\_De\\_Porto\\_Sauipe](http://unijorge.academia.edu/KarenSasaki/Papers/191919/Tradic%C3%A3o_E_Modernidade_No_Litoral_Norte_Da_Bahia_O_Caso_Do_Artesanato_De_Porto_Sauipe) Acesso em 20 de jul. 2012.

<sup>17</sup> Sobre Licenciatura Parcelada ver: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3179600/pg-89-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-01-06-1977> Acesso em 20 de jul. 2013.



<https://orcid.org/0000-0002-1920-3735>



<http://lattes.cnpq.br/7406155170541262>

Como citar:

SILVA, Marinélia. Uma leitura da autobiografia da professora Maria Dagmar de Miranda. *Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino*, Caetité, BA, v. 1, n. 7, p. 47-65, jan./jun. 2021.